



Gaiato

8 DE JANEIRO DE 1972
ANO XXVIII — N.º 726 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Este pequenino moçambicano recebe afagos de Pai Américo — nos seus braços carinhosos de Pai. É um quadro com vinte anos — símbolo vivo para a posteridade!

Aniversário da Obra da Rua

Trinta e dois anos. Fê-los dia sete.

Num mundo em revolução de ideias, das quais se não vê surgir mais Justiça e mais Paz; num mundo servido por técnicas admiráveis, do que não resulta mais alegria de viver; admitindo que a vida no tempo e para os homens, é evolução — pensamos que os estádios limites de cada etapa autenticamente evolutiva são: de menos amor para mais amor. Toda a transformação que não visar esta meta, que não conduzir a um mais alto nível do amor entre os homens é falsa, posto o corpo material que lhe serve de suporte tenha de facto progredido.

Trinta e dois anos depois de Pai Américo ter começado, o mundo está melhor? Estão resolvidos os problemas a que o atraiu a sua vocação? A aparência levar-nos-ia facilmente ao desânimo, ao abandono da luta... Levar-nos-ia... se não fôsse somente aparência, aliás denunciada por Pai Américo na sua inesquecível abocação no Coliseu do Porto em 1954:

«O que vai ele fazer?» — perguntavam os detractores. «Salva um?... Salva dez?...»

«Pois um só que se salvasse... — respondeu Pai Américo — valia a pena! Mas eles são tantos...! Mas eles são tantos...!»

Eu canso-me das estatísticas dos homens, tanto quanto pressinto serem bem diversas as de Deus. Numa humanidade multiplicada, em dias perturbados pela desconfiança entre os homens, é fácil achar-se o nosso tempo o pior de todos. Olhando o passado, não vejo assim. Logo no princípio houve Caim e Abel. O crescimento da Humanidade trouxe a multiplicação de fratriças... e de justos. O drama maior não me parece o gravamento, mas o imobilismo: Caim, continuar figura tão presente. Mas a História da Salvação é integracionista: a cada Justo se soma novo Justo. E por amor de um Justo, quanto a misericórdia de Deus se dispõe a perdoar até aos que o não são!

Este conceito integracionista não nos consente malsinar o nosso tempo: A santidade cresceu, pois há que somar à do passado os santos da geração presente. E quem duvida de que eles são, porventura mais numerosos do que se supõe? O não crescimento da alegria de viver com as maravilhosas ofertas da técnica é a própria denúncia de que o mundo não tem resposta para as mais profundas aspirações do homem. E não é fechando-se sobre um fatalismo do presente, ou sobre a consumação do passado, que o homem a recuperará. Antes abrindo-se aos horizontes do Futuro, que Jesus rasgou «naquele tempo» e cada

Continua na QUARTA página



Uma Carta

«Tenho 4 filhos, sou feliz, tenho sentido mais alegrias do que tristezas, graças a Deus.

O sorriso inocente das crianças é para mim uma coisa extraordinária. Vejo Cristo nelas, a en-

sinar-me a sorrir, a ser bom e simples.

Que esta pequena oferta que faço nesta quadra, faça sorrir muitas crianças que, infelizmente, não tiveram a ventura de ter pais que as apreciassem.

Que pena, Padre, não haver Natal para as crianças de todo o Mundo!

Um sorriso alegre de cristão adulto.»

FESTAS

Damo-vos já a boa nova. Aqui no norte, sairemos em 25 de Fevereiro e recolheremos na Solenidade de S. José — 19 de Março. A seu tempo serão dadas notícias das outras Casas. Porém, sendo tão vasta a digressão e não podendo nós reservar ao anúncio das Festas demasiado espaço sem prejuízo do normal recheio do Famoso, pedimos aos nossos leitores muita atenção e a guarda cuidadosa do jornal em que sair a discriminação de terras e datas,

a fim de não faltar a informação oportuna que permitirá a cada um precaver-se com bilhetes e apresentar-se ao encontro.

O ano passado, no norte, faltámos nós. E o que pr'af foi de protestos e de descon-solação!... Nós informámos da causa da ausência. Mas a explicação não aquietou os ânimos mais acalorados pela amizade profunda, pelo desejo sincero de se encontrarem connosco. «Que não interessava o programa». «Que não era o espectáculo o

importante, mas sim o vermo-nos de perto». E um coro imenso entoando, em vários tons, o mesmo refrão.

Foi-nos uma grande compensação do esforço de outros anos esta prova de afecto, a demonstração de que o nosso público entendeu a essência deste peregrinar por palcos de tantas terras.

Também nós sempre fugimos de chamar espectáculo às nossas Festas. Primeiro, seria pretencioso. Depois, seria profanação. Ainda que o nível da apresentação tenha subido ao longo dos anos, e isso nos alegre, não deixo de ter saudades

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA

Visado pela
Censura

ALGERUZ (Setúbal) * BEIRE (Paredes — Douro) * BEN-
GUELA (Angola) * Cumeada — COIMBRA * R. Ricardo
Espírito Santo, 8 r/c Dto — LISBOA * MALANJE (Angola)
MIRANDA DO CORVO * PACO DE SOUSA * Rua D. João
IV, 682 — PORTO * SANTIAGO DO INFULENE (Lourenço
Marques) * SANTO ANTÃO DO TOJAL (Loures) * Largo
das Areias — SETÚBAL

PELAS CASAS

DO GAIATO



Paço de Sousa

Natal — Passámos a festa natalícia com a maior alegria, graças a Deus. Os «batatas», então, nem se fala! Quando acordaram no dia de Natal, ficaram com uma satisfação enorme, diante de tantos brinquedos ao fundo da cama; em parte oferecidos, directamente, pelos nossos amigos!

Nesse dia, também alguns dos nossos tropas vieram partilhar da mesma alegria connosco.

No dia 24, antes de chegar a meia noite — para a Missa do Galo — o tempo foi preenchido, como habitualmente, com algumas habilidades dos nossos mais habilidosos. Esteve em evidência o nosso «Faisca», com muitas anedotas, que fizeram rir toda a Comunidade.

Tem havido, nesta quadra, uma grande rivalidade entre as casas três e quatro — por via dos presépios. Vamos ver quem ganha esta contenda, muito aferroada, até ao dia de Reis...

A véspera e o dia de Ano Novo festejamo-los com a mesma alegria do Natal. Graças a Deus!

Festas — Os ensaios têm corrido da melhor maneira. Com a força de vontade que nós temos, esperamos que dentro em breve já se possa ensaiar, até, com a orquestra. O nosso ensaiador tem trabalhado para, quando chegar a primeira festa, nos exibirmos sem «barraca». É o que todos desejamos com muito interesse.

Futebol — O nosso onze tem efectuado boas exibições nos últimos jogos. Mas sofreu o primeiro empate, aliás imprevisto, a uma bola. Talvez devido ao enorme esforço dispendido em dois jogos no mesmo dia. No primeiro saímos vitoriosos com o volumoso resultado de 7-1.

Se algum grupo nos quiser desafiar, estamos sempre à disposição.

No mesmo dia do magusto, realizámos um encontro de futebol com o grupo desportivo da Fábrica de Malhas Lionesa, do Porto. A nossa turma saiu vencedora por 4-1.

Visitantes — Ainda que a maioria dos nossos amigos prefiram visitar-nos na Primavera e Verão, têm aparecido alguns visitantes — apesar do frio. Ajudados pelos nossos cicerones percorrem a Al-

deia e procuram inteirar-se da nossa vida, do nosso dia a dia. Nós «somos a porta aberta», como disse Pai Américo.

Luis Nunes Marques

TOJAL

Selos — Não sei se devido ao esgotamento, se devido ao esquecimento dos nossos leitores, o certo é que poucos ou nenhuns cá têm aparecido.

Voltamos portanto a lembrar os amigos leitores que a nossa «Campanha» está em vias de extinção. Não deixeis portanto que isto aconteça...

A maneira de os mandar já sabem: pelos nossos vendedores, através do correio para a Casa do Tojal ou para o nosso Lar em Lisboa.

Futebol — Como é do conhecimento de todos, temos em nossa Casa um grupo de futebol com grandes aspirações ao título «Mundial». Mas isto só será possível com a rodagem dos nossos pequenos jogadores. Sede, portanto, vós, grupos desportivos, a satisfazer este desejo. Não dando-lhe a vitória com a maior das facilidades, mas lutando até ao fim. Para isso marquem já o dia do 1.º encontro.

Um pedido — Estamos em cheio no período das chuvas. Queríamos, portanto, pedir aos nossos leitores os guarda-chuvas que, porventura, possam existir em vossas casas — e em bom estado — que já não utilizam.

Jorge

LAR DE COIMBRA

Visitantes — Desde que se constituiu o nosso Lar em Coimbra tem-se verificado um maior interesse por esta nossa Casa, como não podia deixar de ser; ela é fruto do amor de todos os habitantes do centro de País! Muitos perguntam: — «Então sentem-se bem na vossa casa nova?»

A resposta só pode ser esta: — «Então, com uma casa grande, alegre, confortável e modesta não nos haveríamos de sentir bem?». Outros: — «Quanto sois vós este ano no vosso Lar?». Há ainda pessoas que não contentes em perguntar, vão ver. E é disso que gostamos. Ultimamente, têm-nos visitado muitos pessoas e, sobretudo, grupos estudantis: dois

grupos femininos da Escola Brotero e um outro das meninas do sétimo ano do Colégio Rainha Santa Isabel. Agradecemos a todos os que manifestam tão grande interesse por nós: agradecemos, porém, mais aqueles que nos visitam. E convidamos todos os que ainda o não fizeram para que o façam. Quero, ainda, agradecer tudo o que nos têm trazido; até aqueles maços de tabaco que com boa intenção umas meninas nos trouxeram e que a Senhora recusou. Sim, nós não fumamos habitualmente, ou seja, por hábito; mas, quando há uma festa, alguns dos mais velhos gostam de aspirar o fumo do seu cigarrito.

Venda do Jornal — Vou agora falar-vos da venda de «O Gaiato» por terras das Beiras.

Em primeiro lugar vem Coimbra, porque é onde se preparam os vendedores para, depois, irem para outras terras. Aí costumam passar cerca de metade dos três mil jornais que se vendem no centro do País. Vem em seguida Leiria, onde o Zé Domingos e o «Pombinha» vendem quase 300 jornais. Segue-se Tomar com perto de 200, pelo Benjamim. Vem depois a Covilhã e Fundão, onde durante 3 dias o «Trino» e o Victor passam cerca de 350 exemplares. Depois Castelo Branco onde o «Pretito» distribui à volta de 270. Por último, vem a Figueira da Foz onde a venda é variada; no Verão 500, no inverno 200 jornais. Habitualmente só lá vão o «Véstias» e eu, «Lita», há cinco anos.

Em todas as terras somos acolhidos com muita amizade, que agradecemos. Para as viagens todas as empresas de transporte de passageiros nos dão os bilhetes. Só pagamos nas viagens à Figueira, porque vamos de comboio e a C P até agora nunca nos deu bilhetes de borla!

Agradeço às Empresas de camionagem em nome de todos os vendedores de «O Gaiato». E quanto a C. P., esperamos...

Lita

A Venda do Jornal no Norte do País

Mais uma vez me encontro a escrever para este simpático «Famoso»!

Gostava de saber como os meus amigos, principalmente os meus fregueses, passaram o Santo Natal... Vamos à venda do jornal no norte do País: Foi dia 22 e 23 de Dezembro. Antecipámos a data, para não prejudicarmos a nossa vida comunitária.

Quarta-feira vendemos meia parte da tiragem!! E, na quinta-feira, tiveram que vir, de Paço de Sousa,

mais 500 jornais!!! Se mais houvesse... Passámos cerca de 5 850, contando com os nossos amigos vendedores de fora do Porto: Aveiro, Espinho, Braga, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, etc.

No Natal é sempre assim; as pessoas estão dispostas a pegar melhor no «Famoso». Porquê?!

Meus queridos leitores: por hoje é tudo; desejo a todos um Bom Ano Novo e muitas felicidades, principalmente para os meus fregueses — e todos os que são amigos da nossa Obra.

Jorge Alvor («Eusébio»)

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

Há dias, um recoveiro dos Pobres, de algures, desabafou muito connosco — a propósito de casos que tem em mãos.

Motivo: o crescente desinteresse do seu meio pelos problemas dos Pobres!! «Agora já não há Pobres» — dizem... E chorava interiormente...

Foi uma hora cheia; uma hora de dor, sim. Mas grande lenitivo para não cruzar os braços — esperando, milagrosamente, a sociedade ideal...

As futilidades, as aparências, todo o complexo de vida — sub-produto da sociedade de consumo — embriaga muitos homens! Pior ainda: em vez de neles despertar como que um apur de corresponsabilidade pelos seus irmãos esquecidos, postergados de elementares benefícios de Justiça Social (nas mansardas ou na miséria doirada), provoca, antes, um egoísmo desenfreado, uma revolta espiritual de terríveis consequências. É uma radiografia do tempo!

Voltemos atrás. Procurámos esgravatar as causas — sem desprezar os efeitos. E aqui entrou em jogo a necessidade de mentalização para a maturidade das comunidades cristãs de base e a todos os níveis; recomendada insistentemente pelo Santo Padre e por Bispos esclarecidos de todo o mundo cristão.

Cabe ao leigo, sim — ao vicentino, particularmente — ser fermento. Mas não basta! A pirâmide não é só o vértice, nem a base... Há que ser toda motivada! É trabalho dos nossos dias... É lição do Presépio... É Mensagem eterna... Demos as mãos. E não cruzemos os braços!

O que recebemos — Foi uma inundação, graças a Deus! Cada um dos presentes é luzeiro. Como este, do Porto: «Envio esta lágrima (20\$00) de gratidão a Deus.

Mais 70\$00 do nosso Rufino, presente todos os anos por esta quadra. Mais um pequeno embrulho de roupas, que repartimos pelos Pobres da terra natal de Pai Américo. Mais 50\$00 de Vila de Rei. Idem, de Espinho e Leça da Palmeira. Mais Porto com 20\$00. E 50\$00 de Mafra, Porto e Cabeceiras de Basto. O dobro de «Duas irmãs», de Lisboa. E 500\$00 de Coimbra. Mais 100\$00 de Tobias. E 80\$00 do Porto, rua Lindo Vale. Viva o Porto!

A procissão continua com 20\$00 de Rio de Moínhos. Idem, da nossa amiga Leonor. E 100\$00 de Rochoso. E mais 10\$00 do Porto, que friza: «... é muito pouco, eu sei; mas também sou pobre...». Ó legenda! Agora é Lisboa, de novo, com 25\$00. E segue a Guarda. E a nossa amiga A. F., pondo em ordem os meses de Agosto a Dezembro. Que bons subscritores! E Nova Oeiras. E 50\$00 entregues no Espelho da Moda, por alma das «Avós de Maria Augusta e Maria Rosa». E a presença amiga de «Mãe agradecida». E boas notícias, também, de Póvoa de Varzim. E um anónimo (ou anónima) com 20\$00 de algures. E 250\$00 de uma Professora «em cumprimento de uma promessa». E, finalmente, 40\$. da assinante 17022.

Para todos, muito obrigado e votos de Santo Ano Novo.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

Natal — É tema festivo. E é da festa que vos vou falar, fazendo-vos participar da nossa alegria, contando-vos como passámos este dia, talvez o mais feliz e alegre do ano.

Para dar ainda mais alegria, na Missa da meia noite dez dos mais pequenos fizeram a 1.ª Comunhão: Zacarias, Borges, Miguel, «Guido», «Briela», Miguel II, Coelho, «Palhacito», «Catulo», Biscaia.

Todos recebemos prendas, desde pequenos a grandes. As prendas este ano foram muito melhores, porque no Domingo anterior ao Natal veio cá um grande grupo de pessoas já nossas conhecidas de Coimbra, visitar-nos e deixar-nos uma lembrança. Uma grande quantidade de brinquedos, bolas, rebuçados, figos secos, mimos e outras coisas boas. Este ano o Natal teve uma pequena diferença — não houve o ensaio geral para as nossas festas, mas um convívio familiar. O Domingo da Sagrada Família, também o passámos com muita satisfação, principiando com o Banquete festivo do Senhor, à volta do altar. Passámos o dia muito bem até ao momento de maior alegria que foi o ensaio geral para as nossas festas.

Carlos Gomes



Muitas presenças, graças a Deus. Algumas delas nossas conhecidas, pela assiduidade com que nos aparecem. Outras são anuais e chegam-nos sempre nesta época festiva e santa. Vamos, pois, a elas.

Do Pessoal da Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto, o donativo de 2.000\$. Duma viúva, 300\$. Amiga de algures, com 500\$. De «Os 20 Estrelas de S. Lázaro», 520\$. Este agrupamento aparece-nos de quando em vez. De Lisboa, 300\$. Mais 60\$, por alma de Manuel Ferreira e Inês. Famalicão com 500\$ e o pedido de orações. E cá vai a Avó de Moscardine, com 200\$, mais 50\$. De uma graça recebida, outra avó, esta de Gaia, com 250\$. Registo, agora, a chegada dum vale telegráfico, de 3.240\$. Vem do Porto e é o contributo simpático, dos funcionários nossos amigos, espalhados pelas várias secções do Banco Borges & Irmão. Pois caríssimos Amigos, o nosso obrigado e o desejo de podermos contar sempre convosco.

«Ame o seu Pobre», com 20\$. «Obra de Deus, para os Pobres», com 40\$. São presenças mensais. Vários donativos, entregues à porta do nosso Lar, à Rua D. João IV, 500\$ de anónimo. Igual quantia de Maria Loureiro de Amaral. Mais 40\$ e brinquedos, do Porto. A respeito de brinquedos, uma palavrinha àquele senhor que nos apareceu aqui, à tardinha da véspera de Natal, e nos deixou um grande saco delas. Não

Do que nós necessitamos

imagina, bom amigo, como deliciou os nossos mais pequeninos! E, ainda não contente com esta oferta, voltou a aparecer, desta feita com uma caixa de vinho do Porto.

Roupas e 1 relógio, de Faro. Calçado, calções, camisas e camisolas, de Atalaia. Mais delas de Leiria e Montemor o Velho. Por alma de Manuel 50\$. Viseu com 100\$. De Valadares, 150\$. Anónimo com 200\$. Mais uma presença do padrinho do Eusébio, com 400\$. Um cheque de 200\$. Da Rua Santa Catarina, 20\$. De senhora, nossa conhecida, 500\$, por uma graça obtida. De Lisboa, 250\$00. Por alma de Júlio de Almeida, 100\$. Da amiga do Henrique, 48\$50. J. B. com 100\$. Avó de Santo Tirso, com 50\$. «Casal Amigo», de Santarém, cá vai ele: «Da nossa filha, para os vossos filhos, nossos irmãos, o abono de família dos meses de Setembro e Outubro». Temo-los, presentes, em nossos corações, junto do Menino.

De Gaia, um vale de 100\$, duma moça de 21 anos, ainda estudante pedindo orações.

Roupas, e louças de alumínio, de Lisboa. Mais delas de Almada, Lisboa, Freamunde, Freixenda do Torrão, Tomar, Alameda, Porto e Espinho. Uma peça de forro de Santo Tirso. Lembrança do Tio Alberto, 100\$. Campo de Bésteiros, com 500\$. Mais 1.000\$, «pelas melhoras dum amigo muito querido». Lisboa com 50\$. «Um amigo», com 100\$. A. Morato, de Lisboa, com vestuário. E um cheque de 10 contos, de Lisboa, dum senhor engenheiro.

Do Porto, 20\$. «Esta lágrima destina-se a ajudar as necessidades da Casa. É uma vergo-

nha, mas não posso dispor de mais; a doença leva-me todo o pouco que tenho. Perdoem».

Dum senhor doutor juiz, do Palácio da Justiça do Porto, 1.000\$. B. A. C. com 150\$. As mensalidades habituais, da Amadora, em selos de correio. Dum engenheiro, colega de curso do nosso Padre Carlos, 400\$. Do Porto, 50\$. António, pontual como sempre, com as presenças costumadas. 40\$ no Lar. Maria Celeste, com 20\$. Portuense Maria, com 500\$. De Gaia, uma Maria com 200\$00. Uma manta de Dafundo. A encomenda sempre apetecida, da

Fábrica de Malhas de Silveiras. E agora, anoto a chegada de quase uma centena de calças novinhas e quentes e cheque de 500\$, de Porto Salvo. Foi, de facto, uma felicidade para os nossos contemplados. Bem haja, minha senhora.

Viúva do Porto envia-nos várias importâncias, com a seguinte nota: 10\$ de Margarida; 5\$ de Lourdes; 5\$ da Rita; 20\$ da Rosária e 20\$ dela. De Rio Tinto, 100\$. Da firma Pinto & Cruz, L.da, cheque de 3.000\$. Igual quantia, dum sócio da mesma. Maria com 100\$. De Espinho, 100\$. Vale de 20\$, da nossa amiguinha Maria de Lourdes. Monte Estoril com 100\$, «duma Mãe muito agradecida». De Manuel D. Poças Júnior, L.da, 50\$ e a já habitual caixa de vinho do Porto. 100\$ e roupas de Chamusca. Viúva da Granja, com 120\$. Do Porto, «uma Mãe» com 800\$. Maria com 20\$. Material para a sapataria, de Monteiro Ribas. Da Facol, 300\$00.

Continua na QUARTA página

AS NOSSAS EDIÇÕES

O «Isto é a Casa do Gaiato» e os seus leitores

Ao compulsar a correspondência (um grande maço!) ultimamente recebida sobre as nossas edições, não resistimos a continuar a revelar discretamente, sucintamente, ressonâncias d'alma que as obras de Pai Américo despertam — e hão-de despertar! — nos homens.

Olhem para a Amadora:

«Peço imensa desculpa por só hoje me resolver a mandar-vos uma pequenina importância para o livro. Eu não encontro palavras adequadas para o classificar. Logo que chegou não parei enquanto não o li todo. E já o voltei a ler! E tenho-o emprestado a outras pessoas — para ver se elas se entusiasmam a assinar o Jornal. Vamos lá a ver o que se poderá fazer...»

Que perfeição! Que amizade! Que interesse pelos outros! Quanto menos tempo falta para lançar o segundo volume do «Isto é a Casa do Gaiato», mais a gente se entusiasma — para que não tarde na mão de cada um dos nossos amigos!

E que dizer desta presença do Lobito?

«...Recebi os livros que me mandaram e que me encheram de grande satisfação.

Recebi-os numa altura em que eu mais precisava de companhia. E não há melhor companhia, que um bom livro...»

Agora, é Santa Cruz do Douro (Baíão):

«...venho pedir se me envia, para uma prenda de Natal, um dos volumes «Isto é a Casa do Gaiato».

Como vê as sugestões são oportunas... e, por mim, é o que mais gosto de dar aos soldados que andam por lá...»

A propósito: Vieram mais pedidos do género. Não foi uma enxurrada; mas um fio de água doce e cristalina. Muito oportuno para a quadra que atravessamos. Os nossos amigos da vanguarda são

verdadeiras flechas — como aquele da rua Firmeza, do Porto. Mal pôs os olhos no «Famoso», escreveu logo na volta solicitando outro volume — para oferta natalícia.

Vivam os nossos leitores!
Júlio Mendes

Festas

Cont. da PRIMEIRA página

daquele esquema simples de Pai Américo, feito de testemunhos ingénuos dos Rapazes, de umas cantigas e graças dos mais habilidosos e de notícias do crescer da Obra, do Património dos Pobres, do anúncio do Calvário. Então seria mais pura ainda a atmosfera de convívio, na medida em que era quase nula a sugestão de espectáculo.

Mas a evolução tem a sua marcha irreversível. Entretanto, o preenchimento do serão, até ali quase cem por cento da autoria de Pai Américo, passou totalmente à responsabilidade dos Rapazes — o que tem muito significado e interesse. E estes, mais a la page com o mundo das canções e das danças, das rábulas e dos quadros de comédia, não sofrem já apresentar qualquer coisa, de qualquer maneira, — o que torna a ser significativo de brio e cheio de interesse.

Não volta, pois, a ser fácil o nosso aparecimento inteiramente descuidado do que nos ocupará e do como nos entreteremos aquela noite de convi-

vência amena e afectuosa — que o não consentem os Rapazes. É uma exigência deles, que me parece negativo não respeitar. Por outro lado, conforta-nos profundamente a não exigência da Família de fora que deseja e aprecia, sobretudo, o face-a-face connosco em círculo envolvente à fogueira do amor fraterno que arde nos nossos corações e torna pequenina até uma sala enorme como a do Coliseu, tantos somos e tão próximos, tão unânimes nos sentimentos!

Obrigado, pois, Povo que nos acompanha há tantos anos. Lá vos esperamos, uma vez mais, nos locais e datas de que Júlio vos prevenirá no próximo número do Jornal.

E, o mesmo espírito de simplicidade e de amor com que nos acolhereis, desejo eu que dê vida a todos nós, os que iremos.



Aqui Lisboa

É nosso desde Outubro e conta apenas três anos. De sua graça José, tem requerido às Senhoras, a quem chama Mãe ou Avó, desvelos particulares. O Médico, que generosa e devotadamente nos assiste, também não lhe tem faltado com cuidados e, por isso, não admira que o seu aspecto tenha melhorado. Continua, porém, com uma expressão triste, que nem a beleza dos olhos e o ornamento de pestanas cerradas e evidentes conseguem dissipar. O que come durante o dia faz-nos crer em antecedentes de fome e a reacção às carícias denota uma avidez de quem pouco as recebeu até agora. Não tem nome de pai, embora se saiba que este vive algures, mutilado e jovem; a mãe, solteira, de 20 anos, vinda das Beiras para a Capital, afoga aqui a sua fraqueza, ou quiçá as suas culpas, numa vida que se degrada cada vez mais, de precipício em precipício. Eis mais um dos dramas de que passamos a compartilhar em directo, sofrendo na nossa própria carne toda a miséria que lhe está inerente e as limitações que nos impedem de ocorrer a casos semelhantes.

Há dias, numa mesa redonda em que participámos, alguém

afirmou que Instituições como a nossa são um entrave ao progresso das estruturas económico-sociais vigentes no Mundo e que, não sendo capaz de resolver todos e bem os problemas postos, contribuímos assim para o atraso da Humanidade. Sem recapitular a resposta que no lugar e hora própria surgiu adequadamente, ao contemplar o nosso pequeno Zé, sentimos imamente, no íntimo da alma, a razão de ser da nossa entrega, em conexão com o «deixar vir a mim as criancinhas» do Mestre. Seria melhor cruzarmos os braços? Ou não estaremos a contribuir, apesar das próprias deficiências, para um Mundo melhor? Preferimos contestar as tais estruturas fazendo alguma coisa de útil, na certeza de que para lá das injustiças e dos atrasos bem evidentes, a exigirem reparo e recuperação imediatas, a sociedade ideal é mera utopia. Pensar o resto será desconhecer a natureza humana e, para um cristão, não pode conceber-se ter sido o pecado original abolido por algum decreto filosófico... Entretanto, se trabalharmos sempre assim, temos consoladora certeza de que queremos a paz, pois nos move a justiça e o amor.

Padre Luiz

A faina da banana para embarque é um centro de actividade cheio de interesse. Dias antes, um sub-grupo do Toni, comandado pelo Oliveira, prepara as caixas de cartão.

— Agora, fundos — diz o pequenino capataz. E toda a sua malta corre para os fardos de fundos, a armá-los e a fazer bicha para a máquina de agrafar.

— Agora, tampas... E tudo corre da mesma sorte.

É curioso o zelo que os pequenitos põem no trabalho sempre que há o estímulo da emulação. Enquanto noutros

Areias do Cavaco

trabalhos procuram fazer o menos possível, neste correm, lutam por um lugar na bicha, discutem com algum atrevido que se quer meter à frente —

e nem reparam que quanto mais à frente, mais depressa voltam atrás a recomeçar a tarefa do cartão informe que se arma em caixa para ser agrafado.

Como é de esperar, a gritaria ferve. Às vezes cai mesmo algum murro e depois entra a sapatada do Oliveira a derimir a contenda.

Claro que, com tanta pressa, a obra não sai tão asseada quanto devia! Tanto as tampas como os fundos têm orifícios que é preciso destapar, trabalho que havia de ser feito pelos armadores. Mas de armantes que eles se fazem, nem há tempo para esse cuidado, que mais tarde custará a dobrar.

No dia da embalagem, o telheiro é um mundo. É o tractor que chega com os cachos. Homens que os dependuram na linha rolante do corte. A caminho deste, rapazes nossos e algumas mulheres despistilam. Depois, as pencas cortadas são lavadas e passadas por um banho desinfectante. Esperam um pouco nas mesas de secagem, de onde passam às caixas, pela mão experimentada dos embaladores, que, à vista, doseiam pencas maiores e outras mais pequenas de modo a dar o peso certo. E raro erram! Depois é a colocação das tampas e o empilhamento no «cais» de onde a nossa Ford as carregará para o porto do Lobito.

x x x

E não apenas a emulação é estímulo para um trabalho enérgico. A empreitada também é. E tanto faz cá como nas Casas

da Metrópole! Diz-se aos miúdos «da lenha» (para usar a nomenclatura tradicional de Paço de Sousa): — Tendes de fazer tantas padiolas... E é vê-los a correr. E, se calha passarem por nós no trajecto, não se ficam sem informar alegremente:

— Já só faltam tantas...

Aqui, com o pessoal da terra, é a mesma coisa. Há trabalhos que se prolongam interminavelmente e dos quais se dá conta num instante se se passa ao regime de empreitada.

Embora a ocupação dos tempos livres seja uma arte difícil, a expectativa deles é um aliante poderoso para todo homem que não aprendeu a fazer do seu trabalho o passa-tempo mais saboroso.

E temos de convir que esta regra é bastante universal. Qual de nós, a respeito de certas ta-

refas, não é capaz de agir senão só quando tem mesmo de ser?! Olhando-nos a nós mesmos, encontraremos matéria profunda para uma compreensão mais generosa dos nossos Rapazes e dos nossos irmãos africanos.

x x x

Como é natural conheço mal alguns dos Rapazes, sobretudo aqueles que encontrei agora pela primeira vez. É o caso do Chefe dos «Batatas», móço bastante distinguido deles pela idade e pelo tamanho. Já me parecia desembarçado... Mas há várias noites que me delicia, naqueles minutos que vão do jantar à hora de... xi-xi-cama.

Eu no escritório de P.e Manuel. Eles no terreiro frente à casa-mãe. São cantigas. São passos de ballet infantil que ele ensaia. São jogos colectivos com que se entretêm. E muita alegria, muito sã, fomentada e partilhada pelos miúdos entre si e com o Chefe, que bem poderia já «armar-se aos seus bigodes» e não ligar à pequenada... Pode ser que Manuel Dias tenha os seus defeitos de que eu não dei ainda fé. Mas, por esta virtude, aqui lhe deixo um viva!

Aniversário da Obra da Rua

Continuação da PRIMEIRA pág.

homem de todos os tempos é capaz de contemplar, na condição de viver o Evangelho que o Senhor nos deu.

A Obra da Rua salvou um?, salvou dez?... Um só que fôsse — e valia a pena 32 anos de canseiras e de contradições! Salvou muitos, pela graça de Deus. Obstou, pela mesma graça, a que outros fôssem como naturalmente (quase me apetecia dizer: legalmente) haviam de ter sido: piores do que foram.

Mas ela não é somente a salvação dos que se viram e dos que se não contaram. Ela é uma janela de Esperança aberta sobre o Futuro, que está nas mãos de Deus e nas dos homens por Ele amados. Ela é um testemunho da perenidade do Evangelho; da unicidade da resposta salvífica de que só Jesus é portador.

Quantos que nunca habitaram sob os nossos tectos, viram através da Obra, sentiram através do sopro do Espírito que lhe deu vida e lha conserva, a eficácia da Palavra de Cristo, que é Vida, Caminho, Verdade, Luz, Pão...! Quantos modificaram o rumo das suas vidas...! Quantos descobriram o verdadeiro sentido da vida...! Quantos repararam na bondade (ao menos na ânsia da bondade) que há em todo o homem normal — e re-aprenderam a confiar nos outros homens. Quantos recobram a alegria de viver, não a partir das prodigiosas regalias proporcionadas pela técnica, mas a partir das realidades futuras que a Esperança faz já reais e, sobretudo, do amor partilhado, embora ainda imperfeitamente, com os homens de quem o Irmão Jesus Cristo veio fazer nossos irmãos!

Trinta e dois anos! O nosso frágil coração estremece quantas vezes!... Mas nenhum outro estremecimento nos é legítimo senão o que nos nasce da experiência do baço do Senhor, que sentimos tantas vezes, que aí de nós se nos faltasse, pois sosobriaríamos! Nenhum outro estremecimento senão de alegria e de acção de graças!

Trinta e dois anos depois, num mundo perturbado pela revolução de ideias, não rejeitando nós mesmo a evolução característica da vida, temos a impressão de estar recomeçando. É verdade: nós estamos sempre no princípio. E é bom que estejamos; que o progresso seja a recapitulação incessante do princípio — pois que há no mudo de valor imutável senão o amor que uns aos outros nos devemos?!

Que o Senhor nos firme no caminho aberto a Pai Américo, e por ele a nós. E que daqui a outros trinta e dois, a tantos anos quantos o Senhor quiser..., quem nos suceder continue vitorioso sobre o mundo, amando-o e dando-se-lhe, sem oiro nem prata, mas ousadamente, sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer as almas, provém, não deles, mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são: homens de uma só fé; com toda a confiança posta somente «na vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo».

Cantinho de Poesia

Um dia voltei...

Que alegria doida!

Até as pedras deixaram de ser
E viraram gente, [coisas
Com olhos e sensibilidade.

Oh que poder sublime

— Embora traumatizante —
O da saudade!

Pedro-só



TRANSPORTADO NOS AVIOES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE

RETALHOS DA VIDA

O Henrique



Sou natural da freguesia de S. João do Souto — Braga. Não tenho pai nem mãe. Faleceram tinha eu 3 anos. Fui entregue ao Sr. Padre Abraão. Como não podia criar-me, levou-me para a Creche. Aqui estive, com grande carinho, até aos 7 anos — data limite. As Irmãs procuraram, então, outro abrigo. E conseguiram na Obra da Rua. Aqui estou, em Paço de Sousa, há 10 anos, como filho da Obra.

Desconheço quase toda a minha família! Ainda hoje, quando vou a Braga, só topo os meus irmãos e algumas tias...

Aqui, na Obra da Rua, encontrei um Lar onde não falta o pão que, muitas vezes, é negado lá fora.

Quando vim, fui para a lenha. E comecei a trabalhar à padiola e noutras coisas, frequentando ao mesmo tempo a Escola Primária.

Da lenha passei para a limpeza das Escolas, já na 4.ª classe. E, quando fiz exame, fui escolhido para a casa-mãe, como refeitoreiro dos mais velhos, onde estive um ano. Entretanto, houve substituição em obrigações e escrevi uma carta — pelo meu punho — para ser integrado numa oficina. Já há muito que desejava ser discípulo do famosíssimo Gutenberg... Logo na primeira semana, porém, atendendo que em nossa Casa se procura tudo seja feito só por nossas mãos — e muito bem — fui integrado na expedição do Jornal (até para se avaliar das minhas aptidões...).

Foi nessa secção que aprendi, sem dúvida, a conhecer melhor o nosso País. E, também, como assinantes, todo o género de amigos, desde os mais pobres às figuras mais salientes da vida política e social. Passaram, quinzenalmente, muitos nomes pela minha mão — na máquina de endereçar «Citograf». Estadia muito proveitosa, para o amadurecimento da minha vocação profissional! E de que tenho saudades.

Entretanto, acedi a um convite para frequentar a Telescola. Era uma boa oportunidade. Aproveitei. Sem uma reprovação, graças a Deus. Pessoalmente, cheguei à conclusão de que não há melhor ensino. Gostaria de dizer porquê; mas não posso — por falta de espaço.

Ainda não tinha acabado o 2.º ano da Telescola — ocupado na expedição do Jornal — não deixava de namorar a Tipografia e as suas aulas teóricas do primeiro ano de tecnologia, onde me esforcei por obter bons resultados.

Chegada a hora de ceder o meu lugar a outro, no Jornal, passei para a secção de Composição — onde me encontro. E que, para mim, é um sonho realiado. Já trabalho em «remendagem»! E tenho muita vontade de progredir, de ser um bom profissional e um homem útil à Sociedade.

Enfim, estes 10 anos de vida na Obra da Rua, simbolizam muitíssimo. Se não fôsse ela, seria, talvez, mais um farrapo das ruas. Assim, com a ajuda de todos, repito, procuro ser um Homem.

Manuel Pinto

Henrique Ribeiro Fernandes